

Auc X

0 FEV 1988

Recado à Constituinte

Auc p11

JORNAL DO BRASIL
Villas-Bôas Corrêa

A trágica enchente de Petrópolis e amplas áreas da Baixada, e que ainda ronda a região serrana nesta véspera de Carnaval de corações apertados de angústia, deve ser interpretada, em leitura política, como um desesperado recado a uma Constituinte desatenta, desligada e que parece obcecada em mirar o próprio umbigo e uma advertência, em berro de ameaça, ao governo que não deu conta da sua nítida investidura revolucionária.

Vivemos a véspera da explosão, num clima de derradeiros avisos. É impossível absorver a desgraça que desabou sobre o Estado do Rio como o designio inescrutável do imprevisível, diante do qual só cabe o conformismo de cabeça baixa diante do insondável e apelar para a caridade dos espíritos sensíveis, para o exibicionismo das campanhas de ajuda aos desabrigados e a solidariedade das orações pelas vítimas.

O drama de Petrópolis, Caxias, Teresópolis, Baixada mais revolta do que punge. Pois aconteceu o que estava previsto, oficialmente, pelo menos há uma década. E há muitas que o bom senso, a observação atenta diagnosticavam a preparação minuciosa das catástrofes em série e que não se inauguraram agora mas que se renovam todos os anos, na monotonia de avisos repetidos, jamais ouvidos e que estão compondo a partitura dos ódios reprimidos.

Mas, foi só o dilúvio de minutos arrastando casas e casebres, punindo o rico na sua desatenção aos sinais de risco e os pobres sem escolha? Claro que não. Apenas, um dado a mais e que se soma às pilhas que se amontoam no arquivo das decepções.

Apenas a velocidade dispara em correria desabalada e a simultaneidade dos escândalos sugere um apodrecimento global. Não pode ser apenas coincidência. Em cima da grande matéria do B de domingo, 31 de janeiro, neste jornal, expondo, em painel amplo, as mazelas escondidas do Judiciário, a sua adesão à farras das mordomias, das vantagens arrepanhadas com mão de gato, por baixo do pano, da sua indiferença elitista pelas aperturas do desvalido, do pobrezinho, explodem por todas as frestas do governo as incríveis falcatruas operadas no Planejamento pelo notório Aníbal Teixeira, o ex-ministro de quem se pode dizer tudo menos que tenha surpreendido aos que conheciam os seus antecedentes.

Ora, o que todo o quadro de insubordinação social está indicando, nas dobras do desespero que pipoca na exasperação do trem que atrasa ou do ônibus que enguiça, é um estado de profunda frustração coletiva.

As promessas não foram cumpridas, nenhum compromisso levado a sério. A Constituinte rola nas omissões calhordas no PMDB e na ausência do governo sem liderança. Dela o melhor



que se pode dizer é que não correspondeu à generosa perspectiva de esperanças.

Mas, não está saltando aos olhos que o país está maduro, ansioso, pronto para aderir, enganar-se, jogando-se por inteiro ao primeiro aceno de uma mudança para valer, de concepção, de método, de sistema, de maneira de agir?

Neste instante, por exemplo. O governo mexeu-se, esportado pela denúncia da tragédia montada pela sua proverbial incuria. Liberou verbas, anuncia planos de emergência, o interino Dr Ulysses deu uma olhadela nos estragos. O inacreditável prefeito Paulo Rattes, de Petrópolis, excusou-se pela Rádio Jornal do Brasil (ninguém me contou; eu ouvi) de culpas, pretextando que a legislação proíbe as construções nas encostas mas que nada adianta porque as edificações clandestinas burlam a vigilância municipal. Fantástico, não? A Prefeitura de Petrópolis não tem como fiscalizar e proibir a construção de casas em áreas perigosas. Como se uma residência brotasse do chão, da noite para o dia, enganando os honrados fiscais da municipalidade diligente e honrada. Tão honrada quanto diligente.

Está entrando pelos bugalhos que Petrópolis, Teresópolis, a pobreza enganada pela demagogia da Baixada esperam pela liderança que inove e faça tudo diferente. Pelo prefeito que enxergue o amanhã mas conserte o ontem, capaz da ação enérgica, didática da derrubada sumária de casas e barracos que despencaram na primeira chuarada, apurando responsabilidades e botando na cadeia os que fecharam os olhos e molharam as mãos permitindo construções clandestinas ou regularizando a ilegalidade cometida com a sua conivência.

O governo da Nova República perdeu-se literalmente nas ilusões do cruzado e ofuscou-se com as lantejoulas de um slogan, ora a caminho do arquivo, do tudo pelo social. Só não foi sensível ao grande mote da transição, a ânsia por mudanças. Fardiamente promete coçar o pêlo do urso burocrático. Mas, só agora? Imagine-se como estaria a popularidade do presidente Sarney, a credibilidade de um governo que tivesse ousado mudar o perfil do país. Mas mudar de fato, renovando estruturas, tendo a coragem santa de mexer no estabelecido, de romper com velhos hábitos esclerosados. A Justiça necessita de escovadela em regra. E o Executivo precisa dar o exemplo, enxugando os seus exageros e admitindo que é incompetente para administrar. Portanto, quanto menos governo, melhor.

O desesperante é que já se sabe que não vai acontecer nada. Em alguns dias de sol e carnaval, as águas baixam, secam a lama e lavam a alma, raspando da memória os dramas vistos nas telas da TV e nas fotos da imprensa. As verbas empacam no meio da burocracia, os prefeitos e constituintes cuidarão das suas vidocas.

Não será dessa vez. Um pouco mais de paciência ou um de impaciência. Um dia muda. A dúvida é se muda devagar, na onda renovada de participação popular ou à bruta, na sangueira de uma explosão de violência incontrollável. Andamos perto dos extremos. Da mudança como uma festa popular na inauguração da transição ou da ruptura da ordem na demência dos quebra-quebras. Ainda há tempo para escolher o caminho. Pouco tempo, senhores constituintes. Muito pouco tempo, senhores do governo.